

SARA PINHEIRO

HOMENAGEM A JOSÉ RODRIGUES / NOSSO QUERIDO E SAUDOSO AMIGO

AS QUATRO EXPOSIÇÕES DOS “QUATRO VINTES” E OUTRAS ATIVIDADES – ESCRITOS, IMAGENS E TESTEMUNHOS

“As quatro exposições dos ‘Quatro Vintes’ e outras atividades – Escritos, Imagens e Testemunhos” era o título.¹

Depois das inúmeras reuniões, *e-mails*, telefonemas, conversas, entrevistas, visitas, digitalizações e sessões de escrita, o processo de investigação culmina naquele dia e naquele local em que se defende uma dissertação.

Revisito-a passados vários anos, em que esteve sobretudo na gaveta, como acontece a muitas dissertações, no sentido em que o projeto não teve continuidade ou não se desdobrou noutros resultados. No entanto, reconheço a sua importância na minha aprendizagem e no meu percurso, na aproximação a temas que permanecem como pano de fundo os meus interesses, como a história da arte portuguesa, as décadas de 60 e 70 e o contexto portuense.

Hoje o meu contacto com a investigação permanece, sobretudo, no seu citado “lado oculto”, se o considerarmos enquanto uma referência ao trabalho de “bastidores”. Enquanto gestora de projetos na esad-idea, Investigação em Design e Arte – o centro de investigação da ESAD, Escola Superior de Arte e Design – assisto os investigadores em todas as fases de natureza administrativa, contratual e financeira dos projetos, num lado mais formal e prático, mas igualmente entusiasmante.

Mas porquê Os Quatro Vintes? O grupo portuense “Os Quatro Vintes” (1968 a 1972) marcou inegavelmente a arte portuguesa, apesar da brevidade da sua atividade. Armando Alves, Ângelo de Sousa, Jorge Pinheiro e José Rodrigues terminaram o Curso de Pintura e Escultura em 1962 e 1963, com nota final de 20 valores, e tornaram-se de seguida docentes da Escola Superior de Belas-Artes do Porto. Viram na sua camaradagem uma forma de projeção artística e juntaram-se para trabalhar e expor, cada um mantendo a respetiva individualidade no âmbito de uma ação coletiva.

Os Quatro Vintes destacaram-se pela atitude vanguardista de afirmação estética e social com vista à superação das fronteiras regionalistas, num esforço de afirmação no panorama artístico não apenas nacional, mas também internacional. Embora tenham sido bem-sucedidos na projeção das suas carreiras, o projeto



Pormenor do desdobrável das exposições d'Os Quatro Vintes
na Cooperativa Árvore e Galeria Alvarez.
Árvore-Alvarez: Novembro 1968. Porto: Inova, 1968.

de internacionalização não se concretizou na totalidade. Não por falta de qualidade artística ou até de estratégia, mas antes pelas limitações do seu contexto, que abordam comicamente no manifesto "A Cidade e as Serras ou onde se fala por falar a propósito da nossa exposição coletiva no Porto".² Nele brincam com a rivalidade antiga Lisboa/Porto, ironizando com aquilo que cada cidade tem ou não tem – sejam Museus de Arte Moderna e críticos de arte profissionais, ou caracóis e tripas – numa constatação do fraco desenvolvimento do meio artístico português e da sua macrocefalia. Em Lisboa "há exposições (?)", no Porto "há artistas que se expõem" para tentar ultrapassar os obstáculos que se lhes colocam: a falta de críticos, de imprensa especializada, de galerias, de museus de arte moderna, etc. Em suma, a falta de "estruturas de produção, divulgação e legitimação dos projetos artísticos".³

Pode dizer-se que estas limitações ainda hoje persistem para os artistas portugueses – mais ainda para os portuenses? – apesar de timidamente esbatidas

pela globalização, Internet, viagens low-cost, programas de residências artísticas ou outros apoios.

Na minha dissertação procurei documentar a atividade do grupo (1968-1972): as suas quatro exposições, outras realizações coletivas e projetos não concretizados, apresentando documentos inéditos, que incluem fotografias das exposições, material gráfico (catálogos, folhetos, convite), textos críticos e informativos na imprensa, correspondência e outros materiais.

Para tal, levei a cabo uma pesquisa documental em galerias, museus, instituições culturais, arquivos e estúdios dos artistas. Foram muitas as tardes na Biblioteca Pública Municipal do Porto – ao ponto de reconhecer as bibliotecárias pelo som dos passos – a consultar imprensa escrita em gigantes e luxuosamente encadernados volumes de semanários, diários e revistas.

É ainda de destacar o acesso ao arquivo fotográfico de Ângelo de Sousa, com a preciosa orientação de Paula Pinto, às mais de 300 fotografias que o próprio fez das exposições d’Os Quatro Vintes. Em retrospectiva, vejo a magia dos dias que passei na casa onde Ângelo viveu e morreu, a digitalizar os seus negativos.

A descoberta de um filme da exposição d’Os Quatro Vintes em Paris – raro no âmbito da documentação de exposições – foi uma das grandes surpresas desta investigação, oferecendo um registo experimental sobre Os Quatro Vintes e o seu trabalho.⁴

A recolha de testemunhos dos próprios artistas e outras pessoas envolvidas, apesar de preparada, tomava sempre rumos inesperados e fornecia importantes informações que permitiam à investigação avançar. Por vezes deparei-me com contradições nos relatos ou versões distintas dos acontecimentos, que inicialmente tentei questionar, acabando por assumi-las como naturais pela subjetividade e seletividade da memória humana.

Com este trabalho, procurou-se contribuir para enriquecer o conhecimento sobre o grupo, trazendo à luz elementos novos, numa análise histórica com uma perspetiva mais globalizante que complementa a imagem coletiva. O estudo das suas exposições permitiu ainda conhecer melhor a sua produção individual deste período, as circunstâncias em que foi exposta, as escolhas tomadas na sua exibição, e a sua receção no meio artístico, demonstrando como a documentação de exposições pode ser um elemento importante na construção do discurso da História da Arte.

Passados oito anos, recordo sobretudo uma sensação de descoberta e iluminação quando encontrava uma referência a Os Quatro Vintes que fornecia uma nova pista, que estabelecia uma nova ligação, que desbloqueava a investigação e indicava um novo caminho a seguir na minha aspiração irrealista de obter uma visão total sobre o tema.

Os escritos, imagens e testemunhos constituem diferentes peças de um puzzle que nunca ficará completamente concluído, numa investigação que se vai encadeando entre novas questões e novas descobertas que vão muito para além do dia 19 de novembro de 2013, Pavilhão Sul, FBAUP.

¹ Apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Lúcia Matos, no Mestrado em Estudos Artísticos – Especialização em Estudos Museológicos e Curadoriais.

² OS QUATRO VINTE (1968). “A Cidade e as Serras ou onde se fala por falar a propósito da nossa exposição coletiva no. Porto. [Manifesto]”. Porto: Inova.

³ FERNANDES, João; NICOLAU, Ricardo (2009). “Há avião para Londres. Há artistas que se expõem.” In: *Escultura abstracta nas décadas de 1960-1970: coleção Fundação de Serralves*. Porto: Fundação de Serralves, p. 17.

⁴ Paris, 1970. Exposição d’Os Quatro Vintes na Galeria Jacques Desbrière em Paris. Película 16mm (16 min.): P/B. Arquivo pessoal.

SARA PINHEIRO – É mestre em Estudos Artísticos – Especialização em Estudos Museológicos e Curadoriais, pela FBAUP. Estagiou no Museu da Imagem (Braga) e integrou o Departamento de Relações Artísticas da Cooperativa Árvore, na qual realizou tarefas de inventariação de obras de arte e prestou apoio na organização de diversas exposições e eventos.

Coorientou o workshop Portugal Portefólio Lab no festival Future Places (2011). Colaborou no Festival Trama com textos críticos sobre performance (2011). Foi cocomissária da exposição Pintura ou Não?

(Cooperativa Árvore, 2012) e da exposição Portugal Imaginário – Turismo, Propaganda e Poder 1910-1970 (Casa do Design, 2018). Atualmente é gestora de projetos da esad-idea, Investigação em Design e Arte, Centro de Investigação da ESAD Matosinhos, tendo colaborado em projetos como SINAL – 100 Anos de Design das Telecomunicações e dos Correios em Portugal (Exposição, Casa do Design, 2019), Imagem no Pós-Milénio (Publicação, 2021) e Porto Design Biennale (2019 e 2021).